

A vida social em condomínios no Brasil: novos espaços para novas sociabilidades

PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: Resultado de investigação finalizada

GT02 – Cidades Latino-americanas no novo milênio

NOME DOS AUTORES:

Dra. Andiará Valentina de Freitas e Lopes (UFPE/LATTICE) &

Dra. Circe Monteiro (UFPE/LATTICE)

Resumo

Espaços residenciais fechados, chamados condomínios, representam uma tipologia habitacional em expansão em todo o mundo. Os motivos que fomentam essa expansão são a perda da segurança e da qualidade de vida nas cidades. Este trabalho objetiva compreender os padrões de sociabilidade dentro dos condomínios. A pesquisa foi desenvolvida com moradores de condomínios residenciais em diversas cidades no Brasil, através de um questionário disponibilizado *on-line*. A metodologia foi estruturada utilizando a Teoria das Facetas, que engloba a formulação de hipóteses, elaboração de questionários e aplicação de análises multidimensionais. Os resultados indicam que a vivência em condomínios é marcada por uma vida individualizada dentro de uma suposta estrutura coletiva, onde os moradores se isentam dos interesses coletivos em benefício dos interesses próprios.

Palavras chave: Condomínios Residenciais, Sociabilidade, Segurança.

1. Introdução

O condomínio residencial é uma tipologia habitacional em expansão em todo o mundo. Contudo, com o aumento do número de condomínios, cada vez mais pessoas passam a viver em um regime de coletividade sujeito ao surgimento de problemas resultantes dos novos processos de socialização e das novas formas de normatização. Nesse sentido, alguns estudos recentes revelam a necessidade de entendimento dos problemas e questões que começam a surgir juntamente com a expansão do morar em condomínios residenciais tanto no exterior (BLAKLEY e SNYDER, 1997; LOW, 2003) como no país (VELHO, 1982; CALDEIRA, 2000; LOPES, 2000; GALVÃO, 2004).

Esta pesquisa tem como foco a vivência em condomínios residenciais, as formas de sociabilidade que surgem desses espaços, especialmente atitudes de reserva e evitação (SIMMEL, 1987), ou seja, ao invés de uma vida em coletividade, observamos a emergência de uma vida individualizada dentro de uma suposta comunidade de moradores, que é o condomínio residencial. Uma questão de fundamental importância para o entendimento dessas questões dentro dos condomínios está relacionada ao fato de que este traz em sua conformação espacial um espaço diferenciado, ou seja, o espaço privado-coletivo, que é de propriedade de todos os condôminos, mas não da sociedade em volta. Esse espaço – privado e coletivo ao mesmo tempo – é ambivalente, pois nele as pessoas apresentam comportamentos semelhantes aos observados tanto em espaços privados como em espaços públicos.

A procura por espaços aparentemente homogêneos, controlados e segregados para residir nas cidades tem sido amplamente correlacionada a sociedades menos tolerantes com as diferenças e com maiores índices de violência (SENNET, 1996). As populações dos grandes centros urbanos no mundo têm vivenciado um aumento do medo da vida urbana. Isso é refletido na procura de novas espacialidades, traduzidas em espaços que tentam contrapor o problema da violência, através da proteção física, isolando as pessoas dentro de ambientes controlados como os condomínios, *shopping centers*, clubes, bancos, entre outros. Esses novos espaços – chamados por Teresa Caldeira de “enclaves fortificados” – “são propriedades privadas para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo em que desvalorizam o que é público e aberto na cidade” (CALDEIRA, 2000: 258). A vida nesses enclaves – especialmente no condomínio residencial fechado – está sendo correlacionada com o aparecimento de novos comportamentos sociais. Portanto, esta pesquisa procura compreender a vivência em condomínios residenciais e especialmente sobre a emergência de novos padrões de sociabilidade. O argumento central desse texto propõe que nas formas de sociabilidade observadas ocorrendo dentro dos condomínios os conflitos sociais são muito comuns, fazendo com que indivíduos que habitem um condomínio residencial, tornem-se estranhos, embora convivendo dentro de um mesmo espaço coletivo. (SIMMEL, 1987; LOPES, 2008).

2. Metodologia da pesquisa

A metodologia empregada nesta pesquisa está fundamentada na Teoria das Facetas que consiste em uma teoria para desenho, elaboração e análise de instrumentos de pesquisa, visto que utiliza meios para explicitar e clarificar o universo de pesquisa e suas hipóteses. É um método de pesquisa que permite o controle de todas as etapas da pesquisa (BILSKY, 2003; SHYE e ELIZUR, 1994; CANTER, 1983 e 1985).

Foi feita uma opção pelo uso de um questionário estruturado disponibilizado *on-line*. Além dos testes estatísticos desenvolvidos pelo SPSS, os dados foram trabalhados com análises multidimensionais, mais especificamente o SSA (Análise da Estrutura de Similaridade), que mostra as relações entre variáveis como pontos em um espaço euclidiano revelando assim regiões e relações na estrutura dos dados. O SSA é uma análise multidimensional que representa as correlações entre variáveis em um espaço geométrico, as distâncias entre os pontos (que representam cada questão) são derivadas estatisticamente e plotadas da mesma forma que em um mapa. Cada ponto representa uma questão do questionário e a distância entre pontos corresponde ao grau de correlação entre eles. Assim, quanto mais próximas as questões mais semelhantes o modo como foram respondidas pelos entrevistados. As projeções são interpretadas segundo as facetas apresentadas na sentença estruturadora, assim o processo de análise dos dados parte da verificação da proximidade entre os itens plotados tanto nas projeções como nas tabelas de correlações (MONTEIRO, 1989; MONTEIRO E ROAZZI, 2007).

3. O Condomínio: Uma Nova Comunidade?

3.1. Busca por uma comunidade através da segregação sócio-espacial

Os enclaves residenciais e comerciais funcionam como comunidades artificiais no que diz respeito à questão da segurança, seja ela efetiva de fato ou não. A segurança é uma das principais qualidades que são “vendidas” pelos enclaves, condomínios, *shoppings centers*, etc. Entretanto, se por um lado opta-se por viver isolado do restante da sociedade em um lugar à parte, controlado, junto com o que se acredita serem outros pares e, sobretudo desfrutando de segurança, por outro, essa opção representa abrir mão da esfera pública e tudo o que ela representa, em especial o anonimato e a

liberdade. Dessa forma, a vida nesses enclaves está associada à perda da privacidade, do anonimato, e, conseqüentemente, da liberdade, uma vez que esta dentro dos enclaves é na verdade uma liberdade vigiada. Para se ter uma idéia mais clara dessa afirmação, basta comparar a questão da segurança entre comunidades e sociedades. As comunidades estão muito mais relacionadas com a questão da segurança, sendo seus membros responsáveis por proporcionar segurança para todos da comunidade. Em troca da segurança, todos perdem de certa forma liberdades individuais, já que para garantir uma maior segurança, todos tinham que se submeter ao controle social exercido pelo grupo.

Com o surgimento das primeiras cidades, as pessoas experimentaram mais liberdade, pois havia a possibilidade do anonimato, do não pertencimento a uma determinada comunidade que exercesse sobre ele total controle. Pela primeira vez, as pessoas podiam estar sós, sem laços de sustentação e segurança, já que ninguém as conhecia, estando livres para agir como desejassem e gozando de liberdade individual. No entanto, esse sentimento de não pertencimento também trouxe algumas desvantagens, entre elas a perda relativa ou total da segurança. A escolha por liberdade individual em detrimento da segurança foi, durante séculos, a opção feita pelo ser humano. Contudo, essa opção vem se modificando nas últimas décadas.

No mundo inteiro, após a década de 1960, houve um aumento considerável da criminalidade que trouxe conseqüências em vários níveis da sociedade, incluindo a escolha de uma nova morfologia espacial (YOUNG, 2002). O surgimento de “enclaves fortificados” – expressão utilizada por Teresa Caldeira (2000) – e segregacionistas está relacionado a tais modificações. Contudo, o que temos dentro destes enclaves são grupos de pessoas que optaram por viver juntos em troca de status, prestígio, conforto, comodidade e, acima de tudo, segurança (BLAKELY & SNYDER, 1997; LOPES, 2000; LOW, 2003), ou seja, não mais comunidades vivendo juntas, de forma coesa e harmônica. Em contrapartida, quando se opta por uma maior segurança, abre-se mão de liberdades individuais, e no caso dos enclaves isto não é diferente. Neste sentido, a vida nos enclaves tolhe a liberdade individual, pois deixa-se de ser anônimo, desconhecido e livre para fazer o que se deseja. As pessoas passam a ser observadas nas portarias e guaritas, tendo que identificar-se constantemente, além de conviver com outras pessoas estranhas em um espaço comum, perdendo sua privacidade, seu anonimato e, conseqüentemente, sua liberdade de ir e vir sem ser observado.

Toda essa experiência de estar sendo observado ficou ainda mais evidente com o uso de câmeras e circuitos internos de televisão que cada vez mais são rotineiros. As câmeras tornam ainda mais explícita a perda da liberdade em troca da segurança, e se a princípio elas estavam apenas dentro dos enclaves – shoppings, condomínios, bancos, escolas, elevadores, garagens, etc. – aos poucos elas estão sendo usadas para observar e controlar espaços públicos como ruas, praças e praias.

3.2. A emergência de novas “comunidades”

O termo “comunidade” está sendo exaustivamente e indiscriminadamente utilizado atualmente, como afirmam autores como Hobsbawm (1994), Bauman (2003) e Young (2002). Podemos identificar diversos usos do termo tais como comunidades virtuais, comunidades carentes, comunidades negras, entre muitas outras. O significado de comunidade vem ganhando novos significados e sendo modificado de acordo com o que quer se identificar ou reunir coesamente como sendo um agrupamento social. O que se acredita como tendência atual de um processo de homogeneização, leva à necessidade de contrariar esse fluxo generalizante fazendo o contraponto com o particular, que neste caso, é a tentativa de identificar comunidades dentro do meio urbano homogeneizador. De fato, os agrupamentos sociais existem em qualquer sociedade moderna, mas, tratar como comunidade grupos de pessoas que se associam parcialmente em dias e locais específicos, pode nos levar a uma confusão no que diz respeito à profundidade e o grau de envolvimento dessas pessoas.

O termo comunidade vem sendo empregado nas ciências sociais por estudiosos como Weber (2004), Tönnies (1988) e Durkheim (1987), e embora guardadas as diferenças de abordagem entre esses autores, podemos perceber neles um conceito comum sobre comunidade e o grau de envolvimento social dentro dela. Contudo, à parte essa discussão sobre a escolha da terminologia mais correta, comunidade ou agrupamentos sociais urbanos, outro aspecto se faz mais importante, que é exatamente o fato de que todas essas novas “comunidades” divulgadas pelos jornais, revistas, internet, surgem para suprir a necessidade de associação entre as pessoas no mundo contemporâneo.

O que foi dito acima ratifica a idéia central desse texto de que hoje – entre o nível amplo da sociedade e o nível particular das pessoas que vivem nos centros urbanos – existem relações sociais num nível intermediário, ou seja, existem agrupamentos de pessoas que se relacionam face a face, como numa comunidade sem, contudo, estarem presos exclusivamente a estes. Esses agrupamentos podem ser chamados de “subculturas” (HALL, 2004) ou “subsociedades” (SIMMEL, 1987). A grande diferença das relações entre os agrupamentos sociais urbanos de hoje e as comunidades no sentido tradicional do termo é que na comunidade, os indivíduos são absorvidos de forma total e exclusiva, ou seja, um indivíduo pertence a uma comunidade e somente a ela. No entanto, no caso dos agrupamentos, uma pessoa não pertence exclusivamente a este, mas ao contrário, cada membro pertence, necessariamente, a diferentes grupos. A pessoa é quase compelida a pertencer a vários grupos, uma vez que sua própria vida está fragmentada em práticas sociais que demandam diferentes espaços e tempos. Dentro desse universo de relações sociais, cada pessoa elege quais delas podem ser mais próximas e amistosas, fazendo com que, de certa forma, se aproximem ao que era antes conseguido e atingido em uma comunidade.

Portanto, esses agrupamentos agregam pessoas com interesses, costumes, comportamentos e atitudes similares, mas não necessariamente comuns. As relações que ocorrem dentro desses agrupamentos são caracterizadas pelo respeito e envolvimento emocional próprio das relações face a face. Porém, mais do que isso, a organização de pessoas em agrupamentos sociais é uma reunião em torno de uma identidade coletiva, uma forma de resgatar o sentimento de pertencimento perdido pelo tipo de vida nos grandes centros urbanos.

3.3. O condomínio: uma nova comunidade?

O condomínio, apesar de ser um agrupamento, não pode ser considerado uma comunidade, pelo menos não no sentido clássico do termo. Essa afirmação vai de encontro ao senso comum de que o condomínio é uma comunidade formada de pessoas homogêneas e por isso mesmo com alguma coesão e harmonia. Na verdade, a coesão existe apenas no que se refere à demanda por segurança, serviços, lazer e relações sociais próximas (laços de vizinhança). Mesmo assim, a procura por esses itens – com diferentes graus de prioridade e interesse – não faz de um condomínio residencial uma comunidade, mas sim um agrupamento social urbano, pois para o estabelecimento dos laços e relações típicos de uma comunidade, é preciso um envolvimento de todos visando um objetivo em comum, independente da individualidade de cada um. Por essa razão, não podemos esperar que em um condomínio as relações sociais se dêem da mesma forma que em uma comunidade.

Um condomínio é na verdade um agrupamento social formado por pessoas diferentes com interesses diversos, cujo fator de união é o fato de estarem dividindo uma mesma área comum, ou seja, o fator mais forte de coesão nesse caso é o caráter da espacialidade. Outro elemento que se mostra presente para se viver em um condomínio é o sentimento de pertencer a um determinado grupo, que envolve um status social representado pelo poder aquisitivo, como é o caso dos condomínios localizados em áreas nobres da cidade. Entretanto, estudos como o de Gilberto Velho (1980) mostram haver certo grau de competição dentro dos condomínios, uma vez que o modo de vida contemporâneo faz com que surja a necessidade de diferenciação, mesmo considerando a opção de se fazer parte de um

agrupamento social. Essa diferenciação, que leva os moradores a desejarem uma identidade individual dentro de uma vida em coletividade, é exercida desde a procura por reformas no espaço construído até da busca por mostrar um status de superioridade nas relações internas no condomínio. Além disso, a rotina de um condomínio nos mostra que essa coesão em torno de um interesse comum é muitas vezes posta à prova, como é o caso da grande ausência de moradores nas assembléias gerais e reuniões de condomínio. Contudo, o espaço físico é apenas um elemento que contribui para o contato inicial, cabendo às pessoas a sua perpetuação, pois o agrupamento social do condomínio não exige exclusividade, mas pede envolvimento de cada um, mesmo que de forma superficial e temporária.

4. Resultados: A Estrutura da Sociabilidade em Condomínios Residenciais

A sociabilidade é um aspecto complexo que pode ser determinado por condicionantes de diversas naturezas. Neste trabalho definiu-se uma sentença estruturadora que claramente indica quais elementos, chamados de facetas, são aqui estabelecidos como importantes para conhecer como ocorre esta experiência no cotidiano residencial de diversas tipologias habitacionais.

A hipótese inicial, formulada com a estrutura da teoria das facetas considerou que existem elementos de três naturezas que poderiam determinar ações cotidianas de socialização. Primeiro, o tipo de pessoas com quem se pode engajar em uma relação social. Neste caso, consideramos que os elementos mais prováveis e importantes seriam: os parentes ou familiares, os amigos, os vizinhos e tratando-se de locais de residência, os funcionários presentes em tais locais, tais como gerentes, porteiros, vigias e serventes. Todos estes elementos fazem parte de uma faceta denominada “Associados” com quem se estabelece ações de sociabilidade. A segunda faceta é a “Referente das Ações” que está ligada ao motivo de estabelecimento das ações de socialização. Esta faceta focaliza três elementos: ações de natureza ocasional, ações com objetivos sociais e ações com objetivos funcionais. Enfim, a terceira e última faceta é chamada de “Nível Espacial” que explora três tipos de espaços diferentes onde podem ocorrer as ações de socialização. O primeiro elemento é o espaço privado que diz respeito ao espaço do lar, onde ocorrem relações em uma esfera de intimidade maior do que nos outros espaços. O espaço coletivo é o segundo elemento desta faceta, visto aqui como um espaço ambivalente que pode atuar na determinação de um novo perfil de sociabilidade cotidiana. O espaço público é o terceiro e último elemento da faceta. Este último espaço abrange o mundo externo aos condomínios ou locais de moradia. Isso significa que as ações ocorridas nesse espaço podem ocorrer tanto na rua, como em espaços privados e coletivos distantes do condomínio, como por exemplo, na residência de familiares ou amigos ou até mesmo em um shopping ou outro local da cidade.

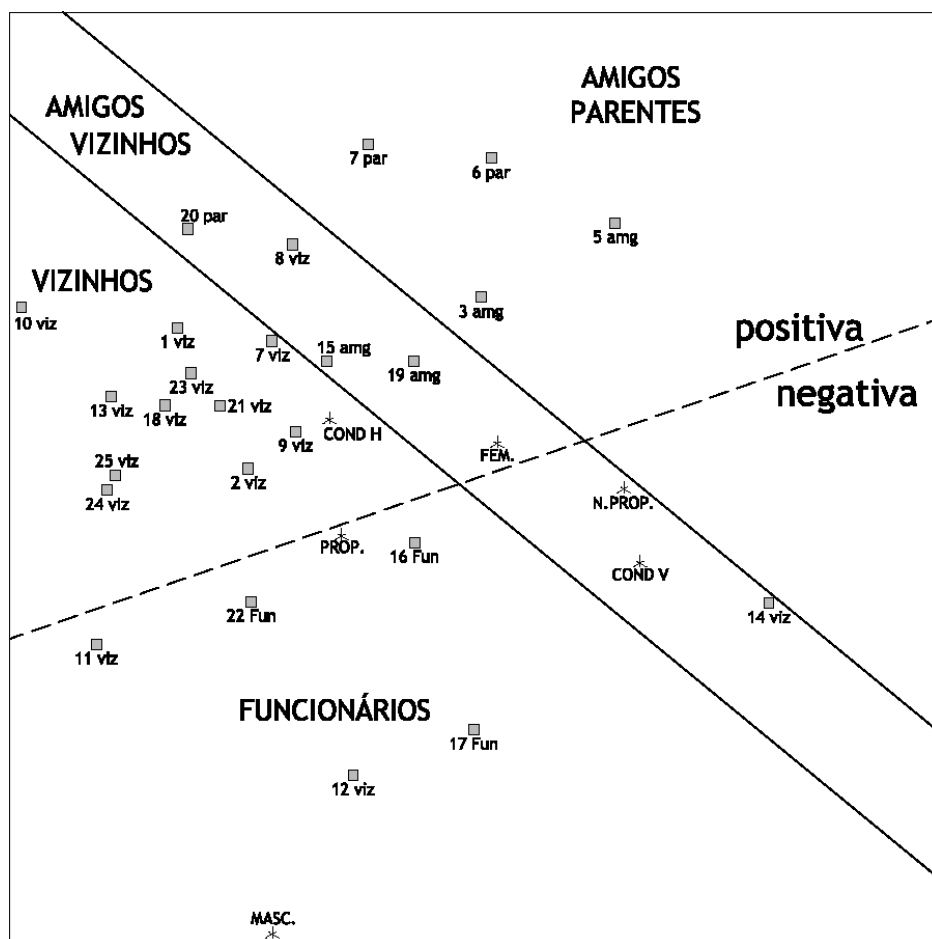
O questionário foi composto de 25 perguntas formadas pela combinação de elementos das facetas uns com os outros. Essas perguntas tratam de situações onde acontecem ações cotidianas ocasionais, de uma cordialidade ou formalidade social até ações e atividades sociais mais íntimas. Conforme a faceta dos Associados estas ações são concebidas envolvendo vizinhos, amigos, familiares e crianças, consideradas como familiares.

4.1. O tipo de pessoa na determinação da estrutura de sociabilidade

A primeira faceta a ser analisada será a Faceta Associados que permite uma melhor explicitação das estruturas das interações sociais segundo os papéis das pessoas com as quais se mantém a atividade social, neste caso amigos, parentes, vizinhos e funcionários do condomínio. A Figura 1 é uma projeção feita a partir de uma análise do SSA que mostra a distribuição em pontos de cada questão do questionário de sociabilidade de acordo com a faceta Associados. Cada ponto na projeção corresponde a uma pergunta do questionário. Para realizar a análise é necessário relacionar cada ponto com o elemento da faceta escolhida ao qual ele corresponde. Neste caso, a faceta escolhida, a Associados, é

composta pelos elementos: amigos; parentes; vizinhos e funcionários. Feito isso, podemos efetuar a análise da distribuição dos pontos na projeção em busca de uma estrutura de composição dos dados que pode ser observada pelo estabelecimento de regiões delimitadas, de certa forma, uma das outras.

A análise da projeção do SSA mostra uma separação dos elementos associados em três regiões que segundo as leis regionais indicam uma estrutura axial com ordem. Na primeira região, localizada acima e a direita da projeção, estão localizadas as atividades sociais que envolvem parentes e amigos. Na segunda região, localizada abaixo da primeira, seguindo o sentido anti-horário, estão as questões que envolvem as atividades realizadas com vizinhos. Por último, a terceira região, que está abaixo da segunda seguindo o sentido anti-horário, mostra onde estão localizadas as atividades sociais que envolvem os funcionários do condomínio.



LEGENDA: FACETA
ASSOCIADOS

AMIGOS = Amg
PARENTE S = Par
VIZINHOS = Viz
FUNCIONÁRIOS = Fun

Figura 1 – Projeção do SSA para Associados (1x2 - 2D) Coeficiente de Alienação=0.27
LEGENDA para as figuras do SSA relativas às questões de sociabilidade:

QUESTÕES	
1	Encontrar e conversar com vizinhos nas áreas comuns de seu condomínio
2	Convidar algum vizinho para vir a sua casa
3	Chamar amigos para virem em sua casa
4	Ir à casa de familiares
5	Encontrar amigos em outros locais da cidade
6	Fazer um programa com membros da família em outros lugares da cidade
7	Deixar crianças brincarem na casa dos vizinhos
8	Ver crianças ou jovens frequentar as áreas de recreação do condomínio
9	Reunir-se com vizinhos para um programa de fim de semana
10	Cumprimentar os vizinhos com encontra nas áreas comuns
11	Participar de reunião para discutir questões do condomínio
12	Discutir por problemas com vizinhos
13	Participar de festa organizada no condomínio
14	Evitar conversa com vizinhos para não ter problemas com eles
15	Sair com amigos do condomínio para um programa na cidade
16	Solicitar funcionários do condomínio para fazer alguns serviços em sua casa
17	Pedir aos funcionários para resolver problemas com vizinhos
18	Encontrar vizinhos fazendo compras no mesmo lugar
19	Participar de algum esporte na área de lazer (ou na piscina) com amigos
20	Utilizar a área de festas do condomínio para organizar festa de aniversário ou outra ocasião festiva
21	Pedir para vizinhos do condomínio para ficar de olho nas crianças
22	Conversar com empregados para saber das coisas que acontecem no condomínio
23	Deixar as crianças da vizinhança virem em sua casa
24	Ajudar vizinhos que precisam de algum favor
25	Trocar gentilezas com seus vizinhos
VARIÁVEIS EXTERNAS	
Condo. H	Moradores de condomínios horizontais
Condo. V	Moradores de condomínios verticais
Prop.	Morador proprietário do imóvel onde reside
N-prop	Morador não proprietário do imóvel onde reside
Masc.	Pessoa do sexo masculino
Fem.	Pessoa do sexo feminino

Podemos observar ainda que surge uma segunda orientação nesta estrutura que distingue áreas transversalmente à primeira divisão axial. Esta segunda orientação distingue dois hemisférios na projeção, sendo um superior e outro inferior. Na região superior estão localizadas as interações sociais,

tais como atividades sociais com fins de lazer e bem estar vistas como positivas ou desejáveis. Na segunda região, abaixo da primeira, estão localizadas atividades que visam à resolução de problemas, tanto em nível doméstico como com relação ao condomínio como um todo, que foram classificadas como negativas ou indesejáveis.

A projeção dos Associados mostra uma estrutura ordenada, o que significa que esta faceta teve um papel ativo na determinação da socialização cotidiana. Se esse for o caso, esta faceta poderá estar influenciando outras facetas, ou seja, poderá estar modulando também a natureza das ações ou lugar onde elas acontecem. Pesquisas anteriores sobre experiências em diversos locais de moradia (MONTEIRO, 1989) demonstram o caráter trans-espacial da socialização classe média. As pessoas desta classe social desempenham ações em diversos espaços, locais e instituições distribuídos em toda cidade, sendo estes locais escolhidos em função dos pares que os frequentam mais do que qualquer outro motivo.

A análise mostra que a concepção inicial da faceta Associados encontrou ressonância empírica, ou seja, as respostas indicam uma discriminação segundo os papéis das pessoas quando da indicação da frequência da experiência de relações sociais.

Outro fator percebido é que as atividades que estão localizadas no centro da projeção são as atividades realizadas com menos frequência. Dessa forma, o critério de contiguidade e similaridade residem no fato de que o que elas têm em comum é serem pouco realizadas. De forma diversa, os pontos mais periféricos da projeção referem-se às atividades realizadas mais frequentemente, como por exemplo, a “cumprimentar os vizinhos quando os encontra nas áreas comuns” (10) que é a atividade realizada com maior média de frequência, como mostra a análise estatística que veremos mais adiante. No entanto, a atividade 10, pelo fato estar localizada em posição periférica da projeção, demonstra que ela não foi respondida de forma semelhante pelos entrevistados.

4.2. O papel do espaço na determinação de uma estrutura de sociabilidade

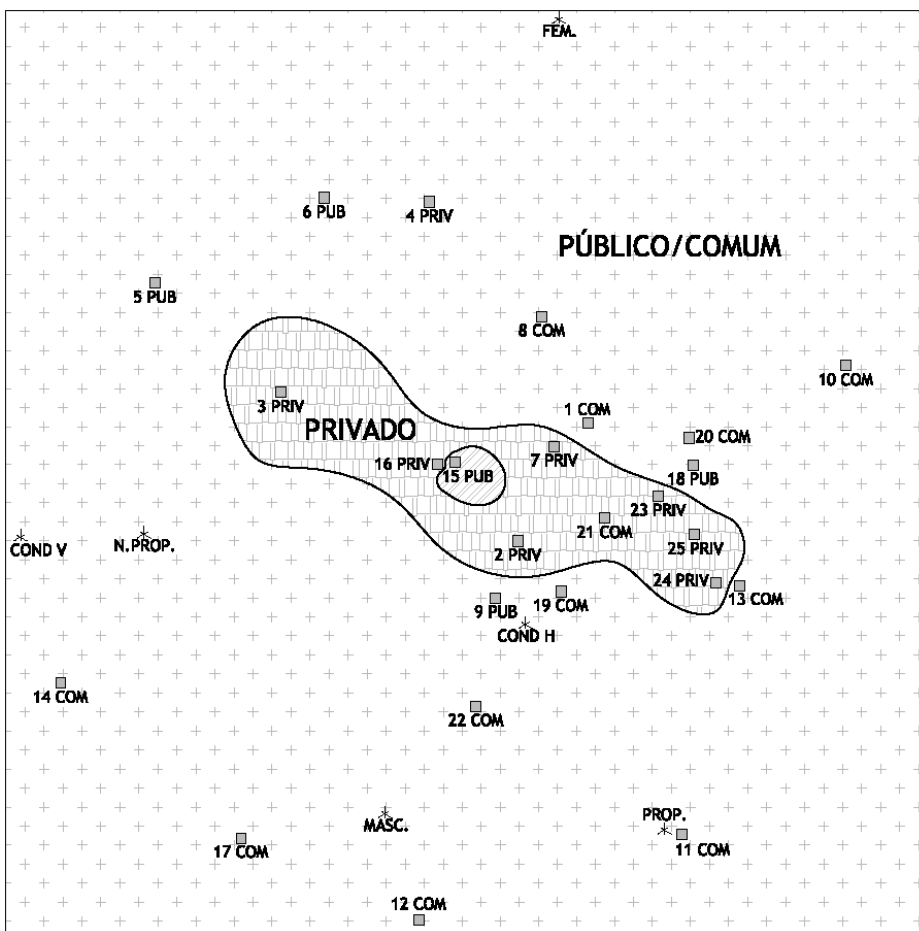
A última faceta analisada foi a faceta “Nível Espacial”. Em princípio havia uma suspeita de que o tipo de lugar onde ocorriam as relações sociais influenciasse o tipo de relação social. De fato, a análise SSA nos mostrou que há uma formação de regiões de acordo com o nível espacial onde elas acontecem. Na Figura 2 pode-se perceber a formação de duas regiões de contiguidade mais ou menos concêntricas, o que sugeriria uma formação modular. A primeira região está agrupando as atividades, “ir à casa de familiares”, “encontrar amigos em outros locais da cidade”, “fazer um programa com familiares em outros locais da cidade” e “sair com amigos do condomínio para um programa na cidade”, questões 4, 5, 6, e 15 respectivamente. Todas essas atividades estão caracterizadas por ocorrerem distante de casa e do condomínio, são necessariamente atividades que acontecem no restante da cidade, na rua. Essa região recebeu o nome de “Espaço Público”, em oposição ao espaço privado, familiar de casa e do espaço do condomínio que também é familiar.

A segunda região agrupa as questões 2, 3, 7, 16, 23, 24, 25. Essas questões estão agrupadas pelo fato de que são atividades realizadas na casa do respondente, portanto no espaço privado do lar: “convidar algum vizinho para vir na sua casa” (2), “convidar amigos para virem a sua casa” (3) e “solicitar funcionários do condomínio para fazer algum serviço na sua casa” (16). A questão “deixar as crianças brincarem na casa dos vizinhos” (7), embora aconteça fora do espaço residencial do respondente está nesse grupo. O entendimento aqui é que isso aconteceu porque essa atividade é entendida como provavelmente acontecendo na casa do respondente também. As questões “ajudar vizinhos que precisam de um favor” (24) e “trocar gentilezas com vizinhos” (25) também estão localizadas nesse grupo.

As regiões “Espaço Público” e “Espaço Comum” aparecem com muitas sobreposições, isso talvez se deva ao fato de que o espaço público e o espaço coletivo sejam experienciados de forma

semelhante, onde não haja uma delimitação rígida entre os dois. Esse fato talvez aponte para a comprovação de uma das hipóteses da pesquisa para a qual as pessoas entendem o espaço comum ou coletivo como se fosse público.

Como foi mencionado anteriormente, as variáveis externas foram plotadas juntamente com as variáveis correspondentes às questões do questionário sem detrimento da estrutura destas últimas. A análise mostrou que existe uma diferenciação das atividades de socialização quanto ao gênero dos respondentes. As mulheres estão mais próximas de atividades cotidianas que envolvem parentes e o trato com crianças de forma geral. As mulheres também estão mais próximas das atividades como “encontrar com vizinhos fazendo compras no mesmo local” e “ajudar um vizinho”, demonstrando que estão mais próximas e envolvidas no âmbito doméstico. Os homens, por sua vez, estão mais próximos quando respondem sobre atividades funcionais como “ir à reunião de condomínio” e “discutir com vizinhos para resolver problemas”. As atividades que envolvem funcionários também encontram maior correlação com respondentes masculinos.



LEGENDA: FACETA NÍVEL
ESPACIAL

ESPAÇO PÚBLICO = PUB
ESPAÇO PRIVADO = PRIV
ESPAÇO COMUM (coletivo) =
COM

Figura 2 – Projeção do SSA- para Nível Espacial (1x2 da 3D), Coeficiente de Alienação=0.17

Quanto às questões do tipo de moradia também existem diferenças nas respostas de socialização entre moradores de condomínios verticais e horizontais. Os moradores de condomínio horizontal correlacionam-se mais fortemente com atividades que envolvem vizinhos em situações de lazer como “reunir-se com vizinhos para um programa de fim de semana”, “participar de festa no condomínio”, “usar áreas de lazer do condomínio” e também de atividades envolvendo crianças como “deixar suas crianças brincarem na casa dos vizinhos” e “receber crianças dos vizinhos para brincarem na sua casa”. Os moradores de condomínio vertical estão mais relacionados com atividades envolvendo os funcionários do condomínio, como por exemplo, solicitar serviços de funcionários e pedir informações aos funcionários. Também estão mais próximos de atividades ocasionais cotidianas envolvendo vizinhos como ajudar um vizinho, trocar gentilezas com vizinhos e cumprimentar vizinhos quando os encontra nas áreas comuns.

Há uma pequena diferenciação quanto ao regime de propriedade com relação a questões de socialização. Os moradores proprietários estão mais próximos de atividades como participar das reuniões de condomínio, participar de festas organizadas no condomínio, convidar um vizinho para vir à sua casa e, por outro lado, discutir com vizinhos por causa de problemas. Ao que parece, o fato de ser proprietário interfere no interesse em se envolver mais com as questões do condomínio e com outros moradores. Conseqüentemente, havendo mais envolvimento podem ocorrer aproximações ou conflitos entre os moradores como demonstra a última questão de direção negativa às outras.

5. Conclusão

A ideia do condomínio residencial pressupõe uma ideia de contrato social, de um “contrato orgânico” (DURKHEIM, 1987), que visa à organização da vida em coletividade. O condomínio atrai pessoas que pensam que vão morar em um lugar organizado e protegido, graças à publicidade que as convencem através da ideia de qualidade de vida e segurança nos enclaves. Elas sabem que vão compartilhar espaços e equipamentos de lazer e segurança e que provavelmente pagarão menos por tais vantagens do que se tivessem que pagar por esses custos individualmente. Dessa forma, por trás de toda a ideia de condomínio está também a ideia de coletividade, pagamento coletivo dos serviços (segurança, limpeza, etc.) e uso coletivo de equipamentos, tendo em vista que no próprio dimensionamento e programa dos condomínios estão previstas áreas comuns ou coletivas para uso dos moradores, que pagam conjuntamente por tais vantagens. Em suma, o condomínio é instituído, pensado, planejado e explorado para atender a um agrupamento de pessoas que irão viver com segurança e conforto em coletividade.

Os resultados do estudo sobre a estrutura de socialização em condomínios demonstram que, na prática, o que ocorre é uma degradação e uma corrupção da ideia inicial, ou seja, da ideia de que a vida em coletividade funcionaria harmonicamente. Contrariando o senso comum, o que se observa em realidade é um comportamento individualista, no qual cada morador preocupa-se apenas com o que considera seu e desconhecendo o espaço coletivo como pertencente a todos.

As regiões de contigüidade da estrutura de sociabilidade indicam que, por um lado, não há estabelecimento de relações íntimas, enquanto que por outro não há queixa quanto aos problemas, já que a socialização entre vizinhos limita-se a cumprimentos formais e ocasionais, diferenciando-se das relações íntimas e intencionais reservadas à família e aos amigos.

Os moradores de condomínios residenciais, a despeito do fato de viverem juntos, não podem ser considerados como constituindo uma comunidade – pelo menos não no sentido tradicional do termo (TÖNNIES, 1988; BAUMAN, 2003). Isso é corroborado pela constatação de que a sociabilidade entre vizinhos nos condomínios é caracterizada por contatos superficiais e ocasionais. As relações sociais podem envolver cumprimentos cordiais, troca de favores e gentilezas, mas as interações mais

profundas com vizinhos – como receber alguém em casa ou sair com amigos do condomínio para um programa – raramente ocorrem e as relações mais íntimas estão voltadas para familiares e amigos.

Os moradores separam bem o tipo e o nível de intimidade de acordo com os papéis de cada um. A família e os amigos estão relacionados com as relações intencionais voluntárias (desejadas e programadas), o passo que os vizinhos considerados amigos são diferenciados do primeiro grupo e classificados em um estágio intermediário entre amigos e vizinhos. As atividades sociais com vizinhos limitam-se apenas às interações entre as crianças e aos programas dentro do próprio condomínio, quando ocorrem.

O tipo de socialização caracterizado pela falta de interações mais profundas e íntimas entre vizinhos pode estar influenciando na ausência de um sentido de coletividade, solidariedade e cooperação, que pode ser traduzido como uma ausência de preocupação com o vizinho. Como consequência disto, observamos a emergência de uma vida individualizada, na qual o comportamento mais comum é o de reserva, evitação e desinteresse pelos outros que estão próximos (SIMMEL, 1987; WIRTH, 1987). Por essas razões, problemas advindos da falta de consciência sobre respeito e compartilhamento dos espaços começam a surgir.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade. A busca de segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003.
- BILSKY, Wolfgang. A Teoria das Facetas: noções básicas. *Estudos de Psicologia*, 8(3), p. 357-365, 2003.
- BLAKELY, J. e SNYDER, M. G. *Fortress America: Gated communities in the United States*. Washington: Brookings Institution Press; Cambridge: Lincoln Institute of Land Policy, 1997.
- CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CANTER, D. The potential of facet theory for applied social psychology. *Quality and Quantity*. Vol. 17, nº 1, p. 35-67, 1983.
- _____. (Ed.) *Facet Theory: Approaches to Social Research*. New York: Springer, 1985.
- DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 1987.
- GALVÃO, Thyana. *Entre a gaiola e a armadilha: reflexões acerca da relação Configuração espacial x criminalidade no Conjunto Residencial Ignêz Andreazza, em Recife/ PE*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Recife: UFPE, 2004.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HOBBSAWM, Eric. *The Age of Extremes*. London: Michael Joseph, 1994.
- LOPES, Andiara V. de F. *Condomínios Residenciais: novas faces da sociabilidade e da vivência de transgressões sociais*. Tese Doutorado: Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano. Recife: UFPE, 2008.
- LOPES, Andiara V. de F. e. *A Colméia Urbana: relações de vizinhança em apartamentos no Recife*. Dissertação (Mestrado) PPG Antropologia Cultural: Universidade Federal de Pernambuco Recife, 2000.
- LOW, Setha. *Behind the Gates: Life, Security, and the pursuit of Happiness in fortress America*. New York: Routledge, 2003.
- MONTEIRO, Circe. *The Experience of Place: a comparative study of a favela, a public housing estate and a middle class neighborhood in Recife – Brazil*. Ph. D. Thesis. Oxford: University of Oxford, 1989.

- MONTEIRO, Circe e ROAZZI, Antonio. Polemic Images: *Conceptualizations of Life in Core Areas of Recife, Brazil*. In 11th International Facet Theory Conference, 2007, Philadelphia. Proceedings - Design, Analysis and Application in Multivariate Approaches. Philadelphia: Temple University, 2007. p. 1-11.
- SENNETT, Richard. *The Uses of Disorder: personal identity and the city life*. London: Faber and Faber, 1996.
- SHYE, S. e ELIZUR, D. *Introduction to Facet Theory: Content design and intrinsic data analysis in behavior research*. Thousand Oaks, California: Sage, 1994.
- SIMMEL, George. A Metrópole e a Vida Mental. In VELHO, Otávio, (Org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, (1902)1987. p. 11-25.
- TÖNNIES, Ferdinand. *Community and Society*. Transaction Pub, (1969) 1988.
- VELHO, Gilberto. *O Desafio da Cidade. Novas Perspectivas da Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Campos Ltda., 1980.
- VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana. Um Estudo de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora UNB, 2004.
- WIRTH, Louis. O Urbanismo como modo de vida. In VELHO, Otávio (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, (1938)1987. p. 90-113.
- YOUNG, Jock. *A Sociedade Excludente. Exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.